

APRESENTAÇÃO

Antropologia brasileira tem Silvio Coelho dos Santos como um de seus fundadores. No relato de seu amigo, Roque Laraia, Silvio refundou a Associação Brasileira de Antropologia (ABA), no celebre encontro em Florianópolis, que precedeu ao período de suspensão do regime democrático no Brasil. Antes disso, a ABA era uma associação com menos de cem sócios: pequena, se comparada a seus mais de dois mil hoje.

Silvio revela, nos diversos balanços sobre sua vida, a importância de Osvaldo Rodrigues Cabral, historiador, etnógrafo, professor e mestre. Ele aprendeu com Cabral a diferença entre ser professor e ser mestre. Essa diferença tornou Silvio um homem sensível aos limites e capaz de dar atenção com igual ternura e simpatia a todos os que o procuravam: seja em seu gabinete, seja nas salas que ocupou como chefe de departamento, coordenador da pós-graduação, diretor e pro-reitor.

Sua elegância no trato de todos os assuntos o tornou um parceiro eficiente e um fiel escudeiro para brigas por direitos humanos. Através de uma força política conquistada devido a de sua coerência, ele abraçou causas de movimentos sociais indígenas e contra os impactos sociais e ambientais de grandes obras públicas e privadas. Silvio denunciou em seus artigos e livros a irresponsabilidade dos governos perante as populações nativas e os impactos de grandes obras como hidrelétricas e barragens na vida e na saúde do planeta.

Em seus artigos depreende-se uma atenção especial às vozes subalternas. Esse engajamento iniciou-se em sua vivência com os índios Xokleng, durante seu trabalho de campo e nos contatos posteriores e frequentes com estes e com as demais populações atingidas por barragens. Sílvio reconhece em seus livros, artigos e relatórios, a pertinência das reivindicações dessas populações. Com isso, delibera ao seu saber, sempre qualificado e atualizado, a tarefa de tornar inteligíveis as versões compartilhadas entre as populações pesquisadas, sobre sua história e sobre sua cultura.

Sílvio atribui a si uma outra tarefa: a de costurar essas histórias locais à história do sul do Brasil, sempre respondendo a questões globais. Ele foi, sem dúvida alguma, um homem consciente da dimensão planetária em que vivemos. Isso o tornou lúcido e coerente, incorporando a vida pessoal, familiar, ao projeto intelectual, profissional e militante. Essas pontas estiveram sempre em contato, de modo coerente e transparente. Talvez por isso, sua casa tenha se tornado o lugar divertido de trânsitos entre esses mundos, onde circulavam, em torno da mesa posta por ele e Alair, sua esposa, muitas pessoas, de todas as idades e profissões. Antropólogos e antropólogas de todas as partes do mundo fizeram parte dessa mesa, conheceram uma atmosfera descontraída, cheia de generosidade e afeto. Em seus trabalhos, essas vozes diversas se encontraram, mediadas por um registro qualificado e através do crivo de uma teoria antropológica atualizada, alargando sempre o nosso olhar sobre nós mesmos. Nunca completamos nossa jornada de lidar com a existência do outro, mesmo quando ele não mais se encontra entre nós. Em geral, nossa percepção se desliza e se fragmenta, vai e volta, reencontrando e escolhendo as mensagens mais ricas de significados. Essas mensagens por vezes se instalam para sempre em nossa mente. Cheias de potência criadora e fortalecedora da vida, permanecem como fonte de inspiração.

Ilka Boaventura Leite e Esther Jean Langdon
organizadoras